

COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO: A ATUALIDADE DO TEMA

Grácia Lopes Lima*

Que a educação formal praticada nas instituições oficiais está em descompasso com a vida que se leva fora do âmbito da escola e que ela tampouco vem conseguindo ser atraente para seus alunos já não é mais novidade para ninguém. Pichações, olhares agressivos, falas arrogantes, descaso, desinteresse pelo que diz grande parte dos professores em sala de aula, são fatos que denunciam insatisfação, rejeição mesmo do instituído.

Ocorre que não são os estudantes os únicos a se sentirem desconfortáveis... Falas e ações de um considerável número de professores revelam que, da mesma forma, eles não estão gostando do tipo de ensino que acontece todo dia na escola. As conversas que mantêm na sala dos professores mostram que mal estão suportando o trabalho diário. Também eles estão cansados, insatisfeitos, irritados. Talvez não pichem paredes, mas agridem de outras formas: com os olhos, com falas prepotentes e rudes ou com apatia, displicência, descaso... Exagero? Característica exclusiva de um tipo de escola?

Não. Mudam os nomes e os lugares, mas a história quase sempre é a mesma: quer pública ou particular, a maioria dos habitantes das escolas vive ainda hoje um clima de descontentamento geral. E o desgosto não brota da revolta contra a precariedade das instalações ou da possível carência de recursos e materiais didáticos. A raiva se inscreve na arquitetura da escola, é descontada no patrimônio público, mas seguramente nasce em outro lugar. Para Pichon Riviere, psicólogo social, "aquilo que o homem tem de mais primitivo e mais característico é a sua necessidade imperiosa de estar em permanente comunicação com as outras pessoas. Poderíamos dizer que até inventa os sonhos para poder se comunicar de noite e evitar, desse modo, o sentimento de estar 'incomunicado'. Sente necessidade de criar personagens para poder se comunicar e viver seus dramas durante a noite de um modo mais ou menos controlado e administrado por ele. Só fracassaria nos pesadelos. Quando perde a comunicação com o grupo aparece o sentimento de solidão e desamparo (...)"¹

* Grácia Lopes Lima é professora, psicopedagoga, coordenadora do projeto "Cala-boca já morreu - porque nós também temos o que dizer!" e pesquisadora do NCE/ECA/USP.

¹ PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do Vínculo. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

Contudo, não só a violência nasce e se justifica pelo que permeia as relações entre os que alunos e professores. Também o seu contrário – harmonia, tranquilidade, paz – ligam-se à qualidade do vínculo e da comunicação que tecem todos os envolvidos no cotidiano escolar. Ilustra isso, por exemplo, o uso costumeiro de crianças e adolescentes das expressões “tal professor é legal!” ou, numa linguagem mais recente, “esse cara é mó gente fina”. Nessas horas, estão se referindo ao convívio bom, sinônimo de canal aberto para conversa, troca, respeito, afeto possível com determinado professor. Dá para entender porque esse professor identificado pelos alunos recebe o título de “mó cb”, expressão que significa “sangue bom!”, isto é, líquido de qualidade, elemento mantenedor da vida de um organismo saudável...

Segundo Manuel Morán, pesquisador e professor da Universidade de São Paulo, comunicação e educação andam juntas. Quanto mais a primeira se valer da segunda, melhor será o ambiente e, portanto, melhores serão as práticas educativas. Para ele “o educador é um comunicador que precisa fazer uma interação, uma ponte como forma de lidar com o conhecimento, diferente de como vem fazendo. Uma pessoa que se comunique mais e fale menos, embora pareça contraditório; comunicar-se mais, sem preocupar-se com o conteúdo programático. Ele é um comunicador, porque fala com todo o corpo, porque ele é uma mensagem complexa e, junto com esse conteúdo programático, coloca sua experiência de vida, seu modelo de adulto realizado ou não, feliz ou não, de uma pessoa que vale a pena conhecer ou não. E isso é importante. Não basta ser só um professor competente, numa área específica. Tem que ser um competente comunicador de toda uma experiência de vida que vale a pena transmitir junto com aquele conteúdo programático específico. Essa é uma questão de fundo profundamente tecnológica, quer dizer, ele é um comunicador total. Isso não se improvisa, não se muda com cursos rápidos (...).”²

Mas, além de significar *capacidade de um bom entendimento entre as pessoas*, a palavra comunicação tem outros significados. Comunicação tem a ver também com *meios*, isto é, com jornal, rádio, vídeo, computador etc. Tem a ver com *sistemas de produção e distribuição de informação*.

² MORAN, Manuel. A tecnologia de ponta e a comunicação professor-aluno. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996.

E, também nesse sentido, imprime sua marca no processo de formação das pessoas. Como afirma Marília Franco, professora e pesquisadora, “as novas gerações são leitoras da comunicação áudio-visual ainda no estado intra-uterino. A mãe, quando está grávida, senta em frente à televisão, se emociona, passa para o feto aquelas impressões. Tudo vira história (...) as novas gerações são formadas nisso desde que abrem os olhos para o mundo. Já estão compreendendo aquilo que a televisão está mostrando, que o cinema está exibindo. Trazem isso para dentro da sala de aula, esse conhecimento, essa leitura. São todos pós-graduados em linguagem áudio-visual, quando entram analfabetos na escola (...)”.³

Ocorre que os meios de comunicação oficiais retratam o mundo, indiferentes às culturas locais. Direcionam mensagens que desviam os olhos dos espectadores para outras paisagens e personagens. Essa política de comunicação social precisa ser compreendida. A lógica usada pelos que se julgam proprietários dos sistemas de meios de comunicação necessita ser conhecida pelos seus usuários, e a escola pode ser um local de reflexão sobre a relação comunicação/educação. Nesse sentido, vários países de todo mundo vêm desenvolvendo, já há várias décadas, diversos programas. Um deles, chamado de *leitura crítica dos meios*, que objetiva fortalecer a capacidade analítica de jovens receptores. Um outro, denominado como *produção de meios*, defende que eles – os meios – são instrumentos valiosos, através dos quais as pessoas podem comunicar sua própria cultura.

Haveria aí, então, nessas práticas, nas palavras de Sandra Carli, pesquisadora argentina, a “ligadura entre procesos conscientes y inconscientes, entre cuerpo y lenguaje, entre afecto y representación, entre percepción y sentido, entre individuo y sociedad (...) trabajo de ligadura que es de orden psíquico y cultural (...)”.⁴

Inúmeras experiências de produção de meios no ambiente escolar, em diferentes localidades brasileiras, vêm propiciando a meninos e meninas a escuta de si mesmos, a sua organização em torno das questões relacionadas à vida comunitária. Têm servido para demonstrar a professores que a cultura pode ser conhecida e transmitida por outras vias

³ Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003. São Paulo, 1996. p.101-107

⁴ FRANCO, Marília. As linguagens áudio-visuais no processo educativo. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996. Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003. São Paulo, 1996. p.108-113.

que não somente a erudita, culta, formal. Por fim, a tal consciência crítica tão esperada quanto ao caráter ideológico e manipulador dos meios de comunicação acaba, por essa prática, sendo uma decorrência natural do processo, exatamente porque ao se apropriarem de todas as fases de produção da informação, os alunos dominar o funcionamento do sistema de meios. Nunca mais, seguramente, por essa razão, verão o mundo da tecnologia e das mídias com os mesmos olhos de antigamente...⁵

⁵ CARLI, Sandra. "Comunicación, Educación y Cultura: el desafío educativo contemporaneo", in Producción de Medios en la Escuela, Reflexiones desde la Practica, Secretaria de Educación.Gobierno de Buenos Aires/UNESCO, Buenos Aires, 1998, p.20-27.